

# SEGREDOS ÍNTIMOS<sup>1</sup>

Resenhado por: Mario Alberto Smulever - Membro titular da Associação Psicoanalítica Argentina e da Sociedade Psicoanalítica do Recife



Título original:  
(Ha-Sodot)

Lançamento: 2007  
(França, Israel)

Gênero: Drama

Direção: Avi Nesher

## Sinopse

Após a morte de sua mãe, a jovem judia Noemi não se sente preparada para casar-se, como estava planejado. Vítima do machismo de seu pai, um rabino ortodoxo, e de seu noivo arranjado, que sempre deixa clara sua ideia de que as mulheres são inferiores, ela prefere adiar a cerimônia para ir ao seminário, estudar mais sobre sua religião. Mesmo sabendo que o intuito de Noemi é o de tentar tornar-se a primeira rabina, seu pai acaba permitindo que ela adie o casamento.

Chegando à escola em Safed, a jovem conhece Michelle, uma garota rebelde que parece não se preocupar tanto com as regras do lugar. Apesar de as duas se antipatizarem à primeira vista, elas acabam se tornando amigas, aos poucos, principalmente quando são designadas a levar comida para Anouk, francesa que fugiu de seu país para ter um caso com um pintor israelense, antes dele morrer em circunstâncias misteriosas. Mesmo tendo cumprido pena pelo assassinato do

amante, Anouk acredita estar sendo punida por Deus, já que sofre de câncer e de uma doença cardíaca.

Sabendo que está à beira da morte, a francesa pede às seminaristas que a ajudem a purificar-se, conseguindo o perdão de Deus antes de morrer. O conhecimento de Noemi dos ritos judeus e da cabala, unido à impulsividade de Michelle, faz com que as duas criem uma série de rituais que podem ajudar à nova amiga. No entanto, este tipo de cerimônia só pode ser realizado por homens, e elas devem esconder de todos o que estão fazendo. Estes e outros **Segredos Íntimos** das duas podem causar grandes problemas se forem descobertos.

O filme, dirigido pelo israelense Avi Nesher, foi escrito pela inglesa Hadar Galron, uma feminista, filha de uma família judia ortodoxa, como a protagonista.

## Comentários

O filme se passa em Israel, mostrando as mudanças culturais que se foram produzindo nos últimos anos. Relata a intersecção entre várias mulheres: uma imigrante não-judia, que procura a salvação através de sua conversão, duas estudantes de um Seminário Rabínico e duas “mães”. A presença dos homens é secundária, mostrando só seus interesses em estudar a bíblia sob normas muito rígidas.

No título original deste filme, “The Secret”, está condensado seu aspecto essencial, ligado ao sentido religioso. Sobre isto, diz Noemi, a personagem principal: “Não é se-

<sup>1</sup> Texto apresentado no Encontro Psicanálise e Cinema da Sociedade Psicoanalítica do Recife, em 17/10/2009.

greco, não está fechado nos livros sagrados; é só estudar, aprender. Os segredos se dissolvem com a aprendizagem.” Sobre isto, acrescentamos: da mesma forma como os sintomas se dissolvem com o conhecimento do conflito subjacente.

Além dos aspectos políticos, machistas e religiosos da cultura judaica que o filme desenvolve, enfocarei a perspectiva psicanalítica do feminino.

Neste filme, aparecem personagens determinantes do feminino.

Numa posição que venho defendendo, a mulher não é um ser que se constitui em uma unidade. É um ser complexo, que tem aspectos identificatórios relativos a “ser mulher”, feminina, o que é determinado pelo pai; e aspectos identificatórios para “ser mãe”, o que depende de sua própria mãe. Penso que o filme ilustra bem essa visão.

Nem sempre estes dois aspectos se acompanham. Existem muitos conflitos a serem vencidos; é muito difícil atingir estas duas condições. E esta é uma hipótese que o filme permite analisar.

Retomando Freud, a complexidade do feminino é bem nomeada por ele, ao referir-se à mulher como um “continente negro”. Embora a psicanálise tenha nascido a partir de seus estudos com as mulheres histéricas, Freud, quase no final de sua vida, nas Novas Conferências Introdutórias, revela a esperança de que as mulheres psicanalistas possam dar conta do fenômeno de ser mulher.

Em seus estudos iniciais sobre a sexualidade humana, Freud toma como objeto de estudo o homem. Quando pensa no Complexo de Édipo, pensa no homem. Quando lhe perguntam se o Édipo na mulher não deveria ter outro nome – Electra, por exemplo – diz que não pode levar em consideração a mulher. Como para seus antepassados, para ele

é o estudo do homem que determina a problemática humana.

E a mulher? O que fazer com a mulher?

Sobre ela há algumas afirmações freudianas paradigmáticas. Uma delas é de que a mulher, na medida em que não pode sentir a ameaça de castração, pois já está castrada, não poderia sair nunca de seu Complexo do Édipo. Pois só a Angústia de Castração terminaria com os desejos incestuosos e parricidas. A mulher só poderia resolver dita problemática através da Equação Simbólica: peito=fezes=pênis=bebê. Ou seja, na medida em que se aceite castrada, tenta resolver seu conflito através da procura de um bebê que a complete. O menino, em certo momento de seu desenvolvimento, confronta-se com a lei: não pode ter a mãe (que é do pai) e tampouco pode matar o pai. O parricídio e o incesto – temas centrais do Complexo de Édipo – devem ser anulados. E a expressão usada por Freud, em alemão, para essa anulação é “untergung”, que significa afundamento, como um naufrágio, embora os ingleses a traduzam por dissolução. Mas para Freud não é dissolução porque o Complexo de Édipo continua ativo por toda a vida. Portanto, pode-se afundar o Complexo de Édipo, mas este continua ativo durante toda a vida.

Quanto à mulher, como ela não pode sentir angústia de castração – já que não tem nada a perder – nunca poderia resolver seu Complexo de Édipo. Nesta visão freudiana, não resolvendo seu Complexo de Édipo, não poderia ter instâncias morais.

Segundo Freud, as virtudes, a atividade criativa dependem de uma estrutura no aparelho psíquico que determine o que se pode e o que não se pode fazer. Diz ele, em 1923, que a leviandade nas estruturas éticas da mulher corresponde à sua dificuldade para ter uma estrutura superegógica.

A observação clínica nos mostra algo diferente. O que vemos na mulher, ao contrário, é que ela possui estruturas superegoicas muito mais sádicas, violentas e repressoras do que o homem. Estas estruturas, no entanto, não dependem do superego. Dependem de instâncias prévias, ameaças prévias, referentes à perda do amor da mãe ou da mãe como objeto, instâncias que denominamos “ideais”.

Desta forma, o que se estrutura na mulher é uma insatisfação permanente pois não pode realizar todos os objetivos sobre determinados por estas instâncias ideais, que se instalam nos primeiros anos de vida, como um resultado das vicissitudes do Narcisismo.

No filme, este aspecto aparece claramente em um eixo que não abordarei, uma vez que priorizarei aqui o eixo das identificações.

A culpa e o luto patológico são pontos centrais do filme. O luto pela mãe que morre no começo do filme. Uma mãe idealizada, mas também uma mãe depressiva, que não pôde funcionar como objeto de identificação para Noemi, que é vítima ainda de outra circunstância agravante: um pai judeu ortodoxo, para o qual todo o valor era destinado ao homem. Este pai teve uma filha primogênita – Rachel, a irmã mais velha de Noemi. Esta primogênita identificou-se totalmente com a mãe, tornando-se mãe, em detrimento de ser mulher, dedicando-se a cuidar dos filhos e às tarefas domésticas.

Quanto a Noemi, seu pai decidiu que ela seria “um filho” para ele. E colocou-a na condição de filho na medida em que a educou na leitura da Bíblia, na leitura da Tora, contrariando os cânones religiosos judaicos.

O filme passa-se na atualidade, quando os costumes religiosos judaicos já colocam a mulher em uma quase igualdade de condições com os homens. No entanto, nos pri-

meiros anos de Noemi, quando ela foi levada pelo pai a estudar a Tora, não era assim; este estudo era destinado apenas aos homens.

O pai de Noemi adota uma atitude contraditória para com ela, educando-a como um filho, mas exigindo dela que seja mulher e se case com um aluno dele, exigência que não pode ser atendida por ela, devido a sua estrutura identificatória.

Voltando a Freud. Em 1923, ele diz que a mulher só tem três caminhos.

Num deles, através da equação simbólica peito-fezes-pênis-bebê, a mulher supera sua castração biológica tendo um filho.

A outra alternativa é o chamado “complexo de masculinidade”, que aparece claramente no filme: “Eu não sou mulher; eu quero ser rabino”. Para isso, Noemi desconsidera a condição feminina. Sua mãe não lhe permitiu tomá-la como figura de identificação e seu pai a vê como um homem.

A terceira alternativa consiste na abstinência total e absoluta de relações eróticas. Seria a castidade, através da qual a mulher evita confrontar-se com a diferença sexual.

Retomando o eixo de ser mulher e/ou de ser mãe, para ser mulher a menina necessita que o pai a veja como uma mulher. Pouco importa a mãe para que ela se torne mulher. E até, ao contrário, uma mulher pode transformar-se numa concorrente para o amor dos homens.

Para ser mãe era necessário que a menina fosse treinada para cozinhar, costurar, parir e cuidar dos filhos. Em certo momento do filme, quando Noemi devia costurar um manto, ela diz: “Não, eu não sei; ninguém me ensinou a fazer isto.” A mãe não a educou para ser mulher e o pai tampouco a olhou como a uma mulher.

Para ser mulher, o pai tem que olhar a filha, tem que ter desejos sexuais para com ela,

tem que reconhecer esses desejos, e tem que, também, usando uma expressão de Freud, “versagung”, ou seja, recusar, renunciar ou abdicar desses desejos. Precisa reconhecê-los porque se não os reconhece foge deles. É o que acontece com muitos pais de filhas adolescentes, que, por não reconhecerem seus desejos, fogem do contato físico, pessoal com suas filhas. O pai precisa então aceitar, olhar a filha, reconhecê-la como mulher, bonita, desejável, mas ao mesmo tempo manter claro que ela não pode ser sua mulher, que ele tem a mãe dela ou uma outra mulher.

Em relação às personagens do filme, temos:

Rachel, a irmã mais velha, apenas “mãe”.

A mãe de Noemi, mulher do rabino, uma mulher com muitas dificuldades para ser mãe.

A diretora do seminário rabínico (mi-drashá), que mostra-se uma boa “mãe”, carinhosa, acolhedora.

Michelle, que aparece como uma mulher, embora entre em um jogo homossexual com Noemi. Parece ser apenas um jogo para Michelle, assim como penso que o homossexualismo feminino, em sua maioria, diferentemente do masculino, parece ser um jogo, uma brincadeira.

E, finalmente, temos Anouk, outra mãe, que renuncia à sua condição materna,

renuncia à possibilidade de desfrutar de viver com seus filhos em prol de ser “mulher”, em prol de Jacó. Este último, pintor boêmio judeu, que a seduz fazendo-a sentir-se mulher, o que a leva a acompanhá-lo, abandonando seus filhos. Mas a saída de Anouk é semelhante à saída de Medeia, personagem mítico que, sendo recusada por Jasão, assassina seus filhos, como vingança contra ele.

No caso de Anouk, ela não mata os filhos, mas renuncia a eles e termina matando aquele que a levou a renunciar à sua condição materna.

Também é interessante que durante o processo de purgação de Anouk, à medida que esta vai encontrando o perdão, Noemi também vai tendo sua sexualidade liberada.

Nossa cultura é muito mais matriarcal que patriarcal. A mulher, adquirindo sua identidade de mãe, estrutura-se parcialmente como mulher, renunciando a sua feminilidade. Para ser completa, necessitaria desenvolver ambas as identidades: a de ser mulher, feminina, e a de ser mãe.

Em nossos dias, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a situação torna-se ainda mais complexa. Há também a exigência da mulher “ser profissional”, além de “mãe” e “mulher”, devendo cumprir suas atividades fora do lar e integrando estes três aspectos em sua condição humana.

